

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Tribuna de Mucajaí Class.: 641

Data: 17.01.88 Pg.: 3

Aventura mostra o que sofrem os que saem a pé à procura de ouro

Depois de quize dias de caminhada terminou em malária a aventura de José Nilton Herculano Albuquerque, 25 anos, e José Haroldo Pinheiro, 27. Eles saíram da cidade de Mucajaí em direção ao garimpo Novo Cruzado no dia 22 de dezembro. Tiveram o pior Natal e Ano-Novo de toda a vida. Depois de andarem tantos dias a pé por dentro da mata, adoeceram de malária e tiveram, cambaleando, que fazer o caminho de volta, correndo o risco de morrer. Domingo, dia 10, os dois chegaram às suas casas com alguns quilos a menos e a certeza de que se um dia tiverem que voltar ao garimpo, sem dúvida será por outros meios, nunca a pé. Viram garimpeiros mortos pelo meio do caminho e muita gente feliz porque havia encontrado o ouro que desejava.

— Há um ponto da estrada onde foi feito um desvio da picada porque um garimpeiro idoso não aguentando a caminhada e atou a rede para dormir ali e terminou de vez a sua aventura, lembra José Nilton Herculano contando a morte de um dos quatro homens que vi-

ra morto no meio da mata. Segundo ele, o garimpeiro idoso havia morrido poucos dias atrás mas restava só os ossos dentro da rede. No caminho, há ainda outros corpos de pessoas que não aguentaram a caminhada ou adoeceram cobertos de folhas. José Nilton ouviu de garimpeiros que há muitos outros, além do ponto da estrada de onde voltou com o colega, mortos. Um dos mortos fora vítima de um atentado por parte do sócio, que teria ficado com todo o ouro dele.

A aventura de José N. Herculano foi uma decisão dele e mais três colegas. Eles saíram de Mucajaí no início da tarde de 22 de dezembro em um pick-up C-10 que os levou até a beira do rio Apiaú, distante 96 quilômetros da cidade. No dia seguinte, pela manhã, iniciaram a caminhada no meio da mata. Sem costume de caminhar na mata, levaram quinze dias até o garimpo Apiaú, de onde a extração de ouro só é possível com máquinas. Dalí até o Novo Cruzado, para onde iam, gastariam mais cinco dias andando. A região, que tinham à frente era ainda mais acidenta-

da que todo o percurso que tinham acabado de fazer, apesar desse ter sido bem maior. Tinham que vencer as duas serras mais altas, batizadas pelos garimpeiros de "Xuxa" e "Márcia Ferreira".

Do grupo de quatro homens, apenas um, o mais velho, com idade pouco acima dos 40 anos, conhecia a vida no garimpo e já tinha percorrido a picada. Dos quatro, dois decidiram por continuar a caminhada. José Nilton e José Haroldo decidiram fazer o caminho de volta e ficaram na torcida para que o dois outros colegas conseguissem seguir em frente até o Novo Cruzado.

Doentes de malária, a caminhada de volta era ainda pior. Havia dias conta José Nilton — em que a gente andava uns dez minutos e a febre pegava de uma vez e aí o negócio era atar as redes, deitar e esperar que tudo passasse". A sorte dos dois talvez tenha sido um grupo de garimpeiros que ia aventurara sorte pelo mesmo caminho. O grupo trazia remédio para malária e deu um pouco aos dois rapazes, que aos poucos iam ficando melhores e ganhando

mais forças para continuar andando. Passaram ainda cinco dias sem comer. Não tinham apetite, apesar de terem comida nas mochilas.

Cinco dias depois de estarem andando de volta, José Nilton e José Haroldo encontraram um rapaz caído ao chão e sem enxergar nada. O rapaz, que havia sido abandonado pelos companheiros na ida para o garimpo, tinha o pescoço e as pernas contorcidas e não aguentava nem mesmo se mexer direito. Foi socorrido pelos dois outros garimpeiros doentes, apesar de, àquela altura, conforme dissera, estar mais pensando em morrer. Ele sabia que não aguentava fazer o caminho de volta, apesar de ter andado apenas dois dias, a partir da beira do rio Apiaú, para chegar até ali.

Carregando o novo companheiro nas costas ou agarrado ao cinto, andando de qualquer jeito pelo meio da mata, José Nilton e José Haroldo chegaram em três dias ao ponto onde haviam iniciado a caminhada, às margens do rio Apiaú. Gastaram oito dias para fazer de volta o caminho que fizeram, na

ida, em quinze dias. A diferença, segundo eles, pode ser justificada com o peso da comida que levavam quando iam.

Chegaram à beira da estrada por volta das 10 horas da manhã de domingo, 10. As 15 horas conseguiram uma carona de caminhão. Chegaram à cidade por volta das 21h30, completamente cansados e precisando de socorro médico. O companheiro que encontraram no meio do caminho já enxergava alguma coisa. Era de Boa Vista, para onde foi na manhã do dia seguinte, depois de passar a noite na casa de José Haroldo.

Desde que chegaram a Mucajaí, Nilton e Haroldo não saem de casa. Estão em tratamento médico e tão cedo não querem ouvir falar em garimpo. Nilton, fisicamente mais preparado, está em estado um pouco melhor que Haroldo. Os dois perderam muito peso e agora terão que passar um bom tempo em recuperação. Os dois tinham largado os empregos para aventurar no garimpo, influenciados pelos comentários de que todos os que tinham ido se deram bem. Esse é o outro lado da história.